

OBJETO DE DISCURSO E TÓPICO DISCURSIVO: SISTEMATIZANDO RELAÇÕES

Clemilton Lopes Pinheiro*

Resumo: A relação entre processos de referenciação e progressão tópica tem sido alvo de discussões de muitos trabalhos de pesquisadores brasileiros da área de estudos do texto e do discurso. Este trabalho se insere nesse contexto e pretende retomar a questão. Meu objetivo é discutir a relação entre objeto de discurso e tópico discursivo, dentro do contexto mais amplo da relação entre processos de referenciação e progressão tópica, apenas tangenciada em trabalhos anteriores, e, a partir daí propor alguma sistematização. Inicialmente, retomo e contextualizo as duas noções, depois discuto as tentativas de explicação da relação entre elas, nos estudos linguísticos brasileiros, e, finalmente, apresento uma proposta de sistematização.

Palavras-chave: Objeto de discurso. Referenciação. Tópico discursivo.

1 INTRODUÇÃO

A referenciação e o tópico discursivo são duas dimensões textuais que ganharam bastante proeminência nas propostas analítico-descritivas em Linguística Textual de tendência sociocognitivo interacional. Cada uma dessas dimensões tem constituído objeto de estudos independentes, mas, em quase todos esses estudos, tem havido uma tendência a mostrar que elas são, no uso efetivo da língua, dimensões interdependentes. Os trabalhos analítico-descritivos sobre os processos de referenciação constataam que, por exemplo, as expressões nominais, que introduzem, categorizam e recategorizam referentes ou objetos de discurso, também são responsáveis pelo desenvolvimento do tópico discursivo.

Neste ensaio, retomo de forma mais pontual essa questão. Detenho-me especificamente na reconhecida relação intrínseca entre objeto de discurso e tópico discursivo. Meu objetivo é tentar mostrar, sem nenhuma pretensão de exaustividade, como ocorre e qual a natureza dessa relação.

* Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Doutor em Letras, área de Filologia e Linguística Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Email: clemiltonpinheiro@hotmail.com.

Inicialmente, faço uma retomada das principais discussões mais atuais em torno das duas noções, na perspectiva de uma estabilização teórica mínima necessária. Depois faço um breve relato de alguns estudos brasileiros que realizam tentativas de explicação da relação entre elas. Finalmente, a partir da análise de alguns exemplos de textos, tento estabelecer uma sistematização, tomando como ponto de partida o princípio de que um objeto de discurso é identificado, reconhecido e definido como tal pelos próprios participantes de uma interação verbal, e assim pode ser tratado como tópico, isto é, objeto considerado e manifestado como o assunto sobre o qual o texto/discurso se porta.

2 A NOÇÃO DE OBJETO DE DISCURSO

Nos estudos linguísticos atuais, a referenciação tem sido entendida como uma atividade discursiva, ou seja, como um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes ou objetos de discurso (KOCH, 2004). A noção de referência, nesse sentido, não é a tradicionalmente conhecida, ligada ao fato de a linguagem referir o mundo, e, conseqüentemente, à relação de correspondência entre as palavras e as coisas. Essa noção de referenciação é sintetizada na seguinte formulação de Cavalcante, Pinheiro, Lins e Lima (2010, p. 233-234).

O processo pelo qual, no entorno sociocognitivo-discursivo e interacional, os referentes se (re)constroem. Trata-se, portanto, de um ponto de vista cognitivo-discursivo, e é por isso que se diz que a referenciação é um processo em permanente elaboração, que, embora opere cognitivamente, é indiciado por pistas linguísticas e completado por inferências várias.

Nesse contexto de concepção sociocognitiva e interacional de língua, emerge o conceito de objeto de discurso.

O referente é, nessa perspectiva, um *objeto de discurso*, uma criação que vai se reconfigurando não somente pelas pistas que as

estruturas sintático-semânticas e os conteúdos lexicais fornecem, mas também por outros dados do entorno sociodiscursivo e cultural que vão sendo mobilizados pelos participantes da enunciação. (CAVALCANTE; PINHEIRO; LINS; LIMA, 2010, p. 235)

Os trabalhos em Linguística Textual vêm considerando essa concepção de objetos de discurso seja para enriquecê-la em termos teóricos seja para estudar as formas como os objetos de discurso são introduzidos, mantidos, retomados, recategorizados ao longo do texto, tendo sempre em vista a construção dos sentidos. Koch (2008, p. 101), por exemplo, analisa a dinamicidade dos objetos de discursos e mostra como, uma vez introduzidos, eles “vão sendo modificados, desativados, reativados, recategorizados, de modo a construir-se ou reconstruir-se o sentido no curso da progressão textual”.

Para a autora, um objeto de discurso é construído na memória textual dos enunciadores geralmente por meio de um nome próprio ou de uma forma nominal, e, assim, preenche um nódulo, ou seja, passa a ter um endereço cognitivo, de modo a ficar em foco e disponível para retomadas ou remissões. Frisa a autora, ainda, nesse sentido, que a introdução de um objeto de discurso por meio de uma forma nominal já opera uma primeira categorização desse objeto, que pode ser mantida como tal ou sofrer outras recategorizações. Esse objeto permanece em foco, através das retomadas, recategorizadas ou não, até que seja desativado para que outro objeto de discurso ocupe o foco. “O objeto desativado, contudo, permanece em estado *stand by*, disponível, portanto, para voltar ao foco sempre que necessário” (KOCH, 2008, p. 102).

Koch (2008, p. 103) traz para essa discussão o tema das anáforas indireta e associativa como casos de ativação ancorada de objetos de discurso:

No caso das anáforas associativas e indiretas de modo geral, um novo objeto-de-discurso é introduzido, sob a capa de informação dada, em virtude da existência de algum tipo de associação com outros objetos já presentes no co-texto ou no contexto sociocognitivo, que é passível de ser estabelecida por inferenciação, a partir de um frame cognitivo ou de conhecimentos enciclopédicos de modo geral.

Outro processo que Koch (2008) considera responsável pela ativação ancorada de objetos de discurso é o encapsulamento, que consiste na sumarização de partes do discurso por meio de um pronome ou de uma forma nominal. Para a autora, o fato de o encapsulamento selecionar uma porção de discurso de extensão variada e construir com base nessa porção um novo objeto de discurso torna o seu processamento mais complexo. “Esse procedimento exige tanto do produtor como do interlocutor a habilidade cognitiva de *formação de complexo*” (2008, p. 105).

Para Cavalcante (2011), a presença de objetos já evocados de algum modo por pistas explícitas no cotexto se opõe aos casos de introdução referencial, ou seja, quando os objetos de discurso são introduzidos pela primeira vez no texto/discurso. Para a autora, os processos referenciais atrelados, portanto, à menção são a introdução referencial, cuja função é introduzir formalmente um novo objeto de discurso no universo discursivo, e as anáforas (diretas e indiretas), cuja função é promover a continuidade referencial. A autora frisa, no entanto, que a continuidade referencial não ocorre obrigatoriamente com a manutenção do objeto de discurso.

Quando o mesmo referente é retomado, dizemos que a anáfora é correferencial. Mas nem toda continuidade, ou seja, nem toda anáfora é correferencial, porque nem todas retomam o mesmo objeto de discurso. Quando acontece de não haver correferencialidade, a continuidade se estabelece por uma espécie de associação que os participantes da enunciação elaboram por inferência. (CAVALCANTE, 2011, P. 61)

Cavalcante (2011, p. 119) avança um pouco na discussão e chega a propor que “os processos referenciais não precisam, necessariamente, estar associados à menção de expressões referenciais para serem introduzidos no universo de discurso criado a partir do texto”. Para a autora, o objeto de discurso é construído mesmo vagamente, sem a existência de indícios cotextuais. Por isso, “toda entidade referida é construída sob a pressuposição de que de algum modo vai tornar-se *acessível* na interação”. Nessa perspectiva, o que deve ser considerado na

discussão é a forma como os objetos de discursos, mesmo sem menção prévia no cotexto, podem ser acessíveis no discurso, até irem se estabilizando e, em seguida, se desestabilizando, “num jogo de coconstrução que só chega ao seu termo quando os participantes se dão por satisfeitos com algum tipo de consenso para cada circunstância” (2011, p. 112).

Vale ressaltar que, nessa discussão, tanto Koch (2008) como Cavalcante (2011) apontam relações entre objetos de discurso e tópico discursivo. Embora não demonstre analiticamente, Koch (2008), por exemplo, defende que as expressões nominais, fundamentais nos processos de construção, categorização e recategorização dos objetos de discurso, são também responsáveis, em grande parte, pelo desenvolvimento do tópico discursivo. Da mesma forma, ao tratar das anáforas encapsuladores, Cavalcante (2011, p. 82) destaca a função que elas exercem na organização tópica, “porque se mostram como um recurso valioso para a introdução, mudança ou desvio de tópico, assim como para a ligação entre tópicos e subtópicos”.

3 A NOÇÃO DE TÓPICO DISCURSIVO

Nos estudos linguísticos brasileiros, a noção de tópico discursivo é descrita, inicialmente, por Jubran *et al.* (1992), no contexto dos estudos do grupo do texto do Projeto Gramática do Português Culto Falado (PGPF). Conforme os autores, o tópico é uma categoria abstrata, primitiva, que se manifesta “na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem” (1992, p. 361). O tópico, nessa perspectiva, abrange duas propriedades que o particularizam: a centração e a organicidade. A centração abrange os seguintes traços:

- a) concernência: relação de interdependência semântica entre os enunciados – implicativa, associativa, exemplificativa ou de outra ordem – pela qual se dá sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis;

- b) relevância: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos;
- c) pontualização: localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento da mensagem. (JUBRAN *et al.*, 1992, p. 360)

Considerando que, em um único evento de fala, os interlocutores podem desenvolver vários temas, e, portanto, vários tópicos, é possível abstrair-se desse evento uma dada organicidade, expressa na distribuição dos assuntos em quadros tópicos. Para Jubran *et al.* (1992), a organização tópica pode ser observada em dois níveis: no plano hierárquico e no plano sequencial. No plano hierárquico, as sequências textuais se desdobram em supertópicos e subtópicos, dando origem a quadros tópicos, caracterizados, obrigatoriamente, pela contração num tópico mais abrangente e pela divisão interna em tópicos coconstituintes; e, possivelmente, por subdivisões sucessivas no interior de cada tópico coconstituente, “de forma que um tópico pode vir a ser ao mesmo tempo supertópico ou subtópico, se mediar uma relação de dependência entre dois níveis não imediatos” (1992, p. 364).

No que diz respeito ao plano sequencial, dois processos básicos caracterizam a distribuição de tópicos na linearidade discursiva: a continuidade e a descontinuidade. A continuidade se caracteriza por uma relação de adjacência entre dois tópicos, com abertura de um tópico subsequente somente quando o anterior é esgotado. A descontinuidade se caracteriza por uma perturbação da sequencialidade linear, causada ou por uma suspensão definitiva de um tópico, ou pela cisão do tópico, que passa a se apresentar em partes descontínuas.

Operando com a categoria de tópico discursivo, Jubran *et al.* (1992, p. 363) chegam à identificação e delimitação de segmentos tópicos, “isto é, unidades discursivas que atualizam as propriedades do tópico”. Dessa forma, enquanto o tópico discursivo é uma categoria analítica abstrata, o segmento tópico é a sequência textual que preenche as propriedades dessa categoria.

O segmento tópico é, portanto, a unidade que, em termos de contração, revela concernência e relevância no conjunto de seus elementos e se localiza num determinado ponto do evento comunicativo

(pontualização), submetida à organização tópica negociada pelos falantes. “O segmento tópico, em outras palavras, constitui cada conjunto de enunciados tematicamente centrados” (PINHEIRO, 2006, p. 46).

A noção de tópico tal como apresentada nesse texto inicial passou por algumas modificações. Em Jubran (2006), algumas mudanças na caracterização das propriedades definidoras, por exemplo, já são percebidas. Mas em Jubran (2006a), a própria autora trata de explicitar essas mudanças, em uma releitura dos textos anteriores. “Nessa releitura pretendemos apresentar complementações aos principais pontos definidores de tópico discursivo, e assinalar a operacionalidade dessa categoria tópica na particularização de estratégias de construção do texto” (JUBRAN, 2006a, p. 34).

A especificação das propriedades de centração e organicidade, definidoras de tópico, constitui um dos pontos, na visão da autora, que merece reconsideração e complementação. Para Jubran, a propriedade de centração, tal como aparece no trabalho de 1992, apoia-se predominantemente na função representacional, e “não abarca a contrapartida interacional, pertinente a uma abordagem textual-interativa do texto” (2006a, p. 35). Ela propõe, então, que as noções de concernência, relevância e pontualização, abrangidas pela centração, sejam revistas a partir de uma noção mais ampla de interação, ou seja, como “função interacional de modo amplo, como inerente a todo e qualquer texto” (2006a, p. 35).

- a) a concernência – relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos coesivos de sequenciação e referenciação, que promovem a integração desses elementos em um conjunto referencial, instaurado no texto como alvo da interação verbal;
- b) a relevância – proeminência de elementos textuais na constituição desse conjunto referencial, que são projetados como focais, tendo em vista o processo interativo;
- c) a pontualização – localização desse conjunto em determinado ponto do texto, fundamentada na integração (concernência) e na proeminência (relevância) de seus elementos, instituídas com finalidades interacionais. (JUBRAN, 2006a, p. 35)

No que diz respeito à segunda propriedade, a organicidade, Jubran (2006a) considera que é preciso estendê-la para dar conta também do nível intratópico, já que o trabalho de 1992 enfatiza, com muita propriedade, o nível intertópico.

Essas revisões são consequências de uma outra revisão necessária à noção de tópico, que foi formulada, inicialmente, para subsidiar a análise de textos conversacionais. No entanto, uma vez que a topicalidade é um processo constitutivo do texto, a categoria tópico discursivo é aplicável a textos falados e escritos¹.

Cavalcante, Pinheiro, Lins e Lima (2010) ampliam um pouco mais a revisão de Jubran (2006a) e explicitam a sua natureza de categoria sociocognitiva. Para os autores, o que integra vários referentes em um único conjunto referencial, e, por isso, atinentes a um mesmo tópico, é uma relação global, de longo alcance, criada tanto por um índice fornecido pelo cotexto, como por outros dados do entorno sociocultural e situacional dos enunciadores e coenunciadores. Da mesma forma, a ancoragem sociocognitiva também se aplica à organicidade.

As relações de interdependência entre tópicos, seja no plano hierárquico, seja no plano linear, também são construídas em processos globais, de longo alcance para os quais concorrem não apenas elementos formais, presentes no cotexto, mas também elementos do entorno sociocultural e situacional, como acontece nas relações de interdependência que promovem a concernência. (CAVALCANTE; PINHEIRO; LINS e LIMA, 2010, p. 250)

Nesse estudo, os autores não deixam de assinalar a relação intrínseca entre os processos de referenciação e gestão do tópico. “A nosso ver, estes processos, que dizem respeito à referenciação e à progressão e organização tópica do texto/discurso estão profundamente enraizados na dinâmica sociocognitiva e discursiva da interação” (CAVALCANTE; PINHEIRO; LINS e LIMA, 2010, p. 233).

¹ Nesse sentido, Jubran (2006a) faz referência ao trabalho de Pinheiro (2005), que aplicou a categoria de tópico discursivo na análise de corpus diversificado em termos de gênero de texto e de modalidade falada e escrita.

4 AS RELAÇÕES TANGENCIADAS

Como se vê, os estudos sobre objeto de discurso e tópico discursivo tendem a frisar que essas duas noções estão intrinsecamente relacionadas. Apesar disso, apenas alguns poucos trabalhos, ao menos no âmbito dos estudos brasileiros, discutem essa intrínseca relação a partir da análise empírica de textos. E mesmo assim o fazem de forma apenas superficial. Para ilustrar essa situação, faço aqui um breve resumo de dois desses trabalhos: Marcuschi (2006) e Koch e Penha (2006).

Marcuschi (2006) relaciona a noção de tópico discursivo à de frames que se desenvolvem no encadeamento de elementos informacionais lexicalizados, o que pressupõe uma relação direta entre organização tópica e organização lexical. Para o autor, isso implica a construção de todo o processo referencial, englobando contexto e conhecimento prévio. O tópico discursivo é visto, então, como produção enunciativa de objetos de discurso mediante modos de enunciação sociocognitivamente situados.

Nesse sentido, Marcuschi (2006) admite uma relação direta entre referentes, ou objetos de discurso, e tópico, o que pode dar-se a partir de operações de enquadre (frames, cenários, esquemas), de cotextualidade, de referenciação, de sinonímia, de substituição. O autor analisa um texto publicitário sobre o dia dos pais e mostrar uma ambiguidade intencional na expressão “dançar no presente”. Ele mostra que há uma série de pistas para as referenciações sugeridas (“dançar de fato” e “passar em branco, perder”), mas apenas uma é pretendida: “passar em branco, perder”. Nesse caso, para ele, “os processos referenciais e as pistas lexicais só entram em ação na relação com o tópico discursivo” (MARCUSCHI, 2006, p. 10).

Em uma síntese sobre a relação entre referenciação e coerência, numa perspectiva macro, Marcuschi (2006) sugere ainda que são dois os processos gerais que explicam a construção e a progressão do texto: a progressão referencial e a progressão tópica. A progressão referencial tem a ver com a introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais, que formam as cadeias referenciais. A progressão tópica tem a ver com o assunto tratado no texto. Quanto à relação entre esses processos o autor entende que “se a continuidade

referencial serve de base para o desenvolvimento de um tópico, a presença de um tópico oferece tão somente as condições possibilitadoras e preservadoras da continuidade referencial, mas não a garante” (2006, p. 21).

Essa relação, no entanto, não é exemplificada com nenhuma análise. Além disso, ao se referir à “presença de um tópico”, a relação sugerida pelo autor parece não considerar que, embora objeto de discurso e tópico sejam duas noções teóricas diferentes, linguisticamente elas não se separam. Não se pode pensar, portanto, em duas “presenças” distintas. Vale lembrar que o tópico é definido pela relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos de referência. Ou seja, são as expressões referenciais que configuram o tópico no texto/discurso.

Koch e Penha (2006, p. 26) analisam um texto de opinião e, entre outras questões, se propõem a evidenciar que “as estratégias usadas para a construção do objeto-de-discurso e, portanto, para a progressão referencial [...], são responsáveis pela progressão textual e manutenção do tópico discursivo”. No entanto, o que de efetivo fazem em relação a esse propósito e apresentar um esquema dos tópicos do texto, para concluir que o objeto “a queda” (tomado como tópico do texto), “manteve-se ativo no decorrer do fio discursivo e muito da manutenção desse estado deveu-se às escolhas por formas nominais” (2006, p. 30).

5 COMO UM OBJETO DE DISCURSO É TRATADO COMO TÓPICO

Para tentar abordar de forma mais sistemática a relação reconhecidamente intrínseca entre objeto de discurso e tópico, tomo como ponto de partida o que Mondada (2001) diz sobre o tema. Segundo a autora, os objetos de discurso podem assumir um estatuto particular no discurso e na interação. Uma vez identificados, reconhecidos e definidos como tais pelos próprios participantes, podem ser assim tratados como tópicos, isto é, objetos considerados e manifestados como o assunto sobre o qual o discurso se reporta. Entendo, portanto, que, para ser tratado como tópico, um objeto de

discurso é introduzido no texto, é retomado², recategorizado ou não, e forma uma cadeia referencial. Essa cadeia referencial passa, então, a constituir um conjunto específico de objetos de discurso, que configura a centração, primeira propriedade definidora do tópico. Os objetos de discurso se amarram em cadeia, por meio de diferentes processos referenciais, os diferentes tipos de anáfora, por exemplo (CAVALCANTE, 2011). Essa relação de interdependência configura a concernência. Uma vez formada essa cadeia referencial, ela pode ser proeminente ao longo de todo o texto ou apenas em algum ponto desse texto, ou seja, passa a ser relevante, projetada como focal. Uma vez integrada e relevante essa cadeia pode ser localizada no texto. Configuram-se aí a relevância e a pontualização que também abrangem a propriedade da centração. Analo o seguinte texto para mostrar como tudo isso se realiza.

(01)

[1 A falta de leis fundamentadas em critérios técnicos sempre foi um dos motivos apontados para explicar a baixa penetração de algumas tecnologias ambientalmente “amigáveis” no Brasil. A omissão legislativa também é citada quando são examinadas práticas de comercialização danosas ou desonestas, exercidas em segmentos econômicos confiados ao bel-prazer de seus agentes. Sentindo dificuldades para sensibilizar legisladores, a indústria brasileira está criando, em seu próprio seio, mecanismos para modificar a situação. A auto-regulamentação, preenchendo o vácuo deixado pelo Poder Público, é um caminho eleito pelos industriais para atingir padrões mínimos na produção nacional. A iniciativa surgida nos próprios elos da cadeia produtiva, de modo semelhante, pode desequilibrar o marasmo regulatório em favor de regras mais claras no comércio.]

[2 Um exemplo desse posicionamento pró-ativo é observado no setor de tintas. Apesar da entrada em vigor, no início de 2009, da lei federal 11.762/08, que limita o teor de chumbo em tintas imobiliárias, de uso infantil e escolar, vernizes e materiais similares a 0,06% (e, na prática,

² Convém lembrar que retomada não significa apenas a repetição do mesmo referente, mas continuidade referencial, que “se estabelece por uma espécie de associação que os participantes da enunciação elaboram por inferência”. (CAVALCANTE, 2011, p 61).

bane o metal), o segmento carece de legislação estabelecendo controles sobre insumos e qualidade dos bens finais. Porém as mesmas tintas imobiliárias são contempladas por um programa setorial de qualidade coordenado pela Associação Brasileira dos Fabricantes de Tintas (Abrafati).

A participação no programa é voluntária para não associados, portanto seu poder de persuasão é limitado. Mas esse tipo de acordo setorial pode se tornar o embrião de um projeto da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que, se aprovado, tem força de lei investida pelo Código de Defesa do Consumidor. Nesse cenário, aquilo que começa como o compromisso de alguns competidores pode resultar em obrigação para todo o mercado.]

[3 VOCs – Um tema que deverá ser objeto de auto-regulamentação é o das emissões de compostos orgânicos voláteis (VOCs, na sigla em inglês). A denominação engloba diversas substâncias que reagem fotoquimicamente com óxidos nitrosos (NOx) na troposfera, a camada de ar com espessura média de 10 km logo acima da superfície terrestre. Esse processo forma ozônio, principal componente do smog fotoquímico. Embora não exista um critério técnico único para a definição de VOCs, muitos solventes são assim considerados, de sorte que a indústria de tintas, historicamente, a maior consumidora do insumo industrial, é um dos setores intensamente envolvidos nas discussões sobre a emissão de voláteis. Europa e Estados Unidos já possuem regras para reduzi-la, e o Brasil está próximo de adotar um controle maior sobre esse quesito.]

No texto de (01)³, a expressão referencial “a auto-regulamentação na indústria brasileira” introduz esse objeto discursivo, que é retomado em todo o texto por diferentes expressões referenciais: “a auto-regulamentação”, “a iniciativa”, “esse posicionamento pró-ativo”, “acordo setorial”, “força de lei”, “compromisso de alguns competidores” “obrigação para todo o mercado”, “objeto de auto-regulamentação”, “regras”. Diferentes processos anafóricos estabelecem a interdependência entre essas expressões referenciais que formam um conjunto específico de objetos de discurso, concernentes, relevantes e localizados ao longo de todo o texto. Esse é o processo pelo qual o

³Artigo científico de autoria de Márcio Azevedo, Revista Química e Derivados, nº 480, Dez/2008.

objeto de discurso “a auto-regulamentação na indústria brasileira” se torna tópico do texto. Como esse tópico é proeminente no texto todo, ele é o único tópico central ou supertópico, o que está no primeiro nível da hierarquia tópica.

Esse supertópico apresenta graus de desdobramento, ou seja, ocorrem tópicos coconstituintes, que são os subtópicos. O mesmo processo pelo qual o objeto de discurso “auto-regulamentação na indústria brasileira” se tornou supertópico vai ocorrer para que outros objetos de discursos se tornem também tópicos, na condição de seus coconstituintes ou subtópicos.

No segmento 1, a expressão referencial “a falta de leis” introduz esse objeto de discurso, que é retomado pelas expressões referenciais “a omissão legislativa”, “a situação”, “o vácuo deixado pelo Poder Público”, “o marasmo regulatório”. Da mesma forma, essas expressões referenciais formam um conjunto específico de objetos de discurso, relevantes e localizados em um determinado ponto do texto. Nesse processo, o objeto de discurso “falta de lei” é tratado como tópico.

O mesmo raciocínio se aplica aos outros segmentos do texto. No segmento 2, a expressão referencial “setor de tintas” introduz o objeto de discurso no texto. As expressões referenciais “o segmento”, “tintas imobiliárias”, “nesse cenário” formam o conjunto referencial, relevante e pontual, que configura o tópico “o setor de tintas”. No segmento 3, o tópico VOCs se configura pelo conjunto referencial formado pelas expressões “VOCs”, “um tema”, “a denominação”, “a definição de VOCs”, “esse quesito”.

É importante destacar que os segmentos 2 e 3, do ponto de vista da organização tópica hierárquica, correspondem ao desdobramento de um outro tópico “exemplos”, que, corresponde ao segundo nível da hierarquia tópica, ao lado do tópico “falta de leis”, que não apresenta nenhum desdobramento (gráfico 01). No início do segmento 2, a expressão referencial “um exemplo” introduz esse objeto de discurso e serve de âncora cotextual para estabelecer a interdependência entre o conjunto referencial que se forma em torno dos objetos “o setor de tintas” e “VOCs” e instaurar o tópico “exemplos”. Cabe aqui lembrar que dar exemplos do que se fala/escreve é um dos processos que realizam o movimento de tópicos, previsto por Jubran (2006, p. 108)⁴.

⁴ Os termos em itálico, na citação, são acréscimos meus.

O movimento de tópico ocorre quando, na conversação, os interlocutores realizam um “deslizamento” de um para outro aspecto do mesmo tópico [...]. O deslizamento pode ocasionar a formação de um QT (*quadro tópico*), em que o tópico em pauta se torna um ST (*supertópico*) e cada conjunto de mencionáveis, por contração específica em um dos aspectos desse ST, assume o estatuto de SbT (*subtópico*) em relação a ele.

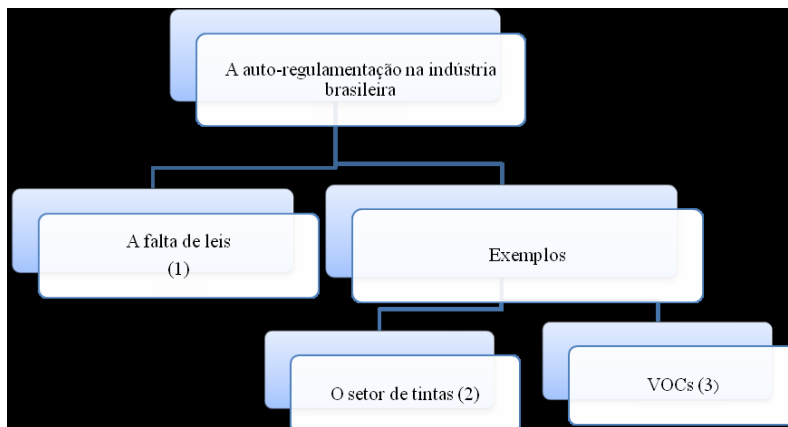
O que tentei mostrar com essa breve análise foi o processo passo a passo através do qual os objetos de discurso se tornam tópico ou, em outras palavras, se manifestam e são considerados como o assunto sobre o qual o texto/discurso se porta. O processo é pontual, como o que ocorre em cada segmento, mas é também global. Ou seja, os diferentes processos referenciais anafóricos que reúnem as expressões referenciais de um segmento do texto em um conjunto específico de objetos de discurso que instauram o tópico desse segmento são os mesmos que reúnem todos os conjuntos específicos de objeto de discurso em um único tópico, que, por fim, garante o sentido global e a coerência macro do texto. No caso do texto 1, todas as expressões referenciais que retomam os objetos de discurso “auto-regulamentação na indústria brasileira”, “falta de leis”, “exemplos”, “o setor de tintas”, “VOCs” formam um grande conjunto de objetos de discurso que configuram o tópico central do texto.

Além de servir para ilustrar o processo passo a passo através do qual os objetos de discurso se tornam tópico⁵, a análise do texto (01) exemplifica também o processo pelo qual ocorre a progressão do tópico. Nesse caso, a continuidade referencial⁶ dos objetos de discurso desencadeia também a distribuição dos tópicos de forma contínua na linearidade do texto (PINHEIRO, 2005). A introdução de novos objetos, em consonância permanente com os já introduzidos, desencadeia ainda o processo de mudança de tópico. É o caso da introdução do objeto “exemplos”, que desfocalizou o objeto “a falta de leis” e propiciou a mudança.

⁵ Evidentemente, o processo passo a passo através do qual os objetos de discurso se tornam tópico na conversação são semelhantes aos já descritos no texto 01. Evito, portanto, repetir a longa explicação.

⁶ Lembro novamente que nem toda continuidade é correferencial. O mesmo objeto de discurso não é retomado nem integralmente, nem pelas mesmas expressões referenciais.

Gráfico 1: Organização tópica hierárquica do texto 1



Sabe-se também que dois tópicos podem ser descontínuos e até distanciados na linearidade textual, por efeito de inserção de outro tópico ou quadro tópico. Pode haver também descontinuidade dentro de um mesmo segmento tópico, provocada por inserções não tópicas⁷. No entanto, Jubran *et al.* (1992, p. 366) observam que a organização sequencial, que é perturbada na linearidade, tende a se estabelecer hierarquicamente, ou seja, “a continuidade, postulada em termos de só se abrir um novo tópico após o fechamento de outro, reaparece nos níveis mais altos da hierarquia da organização tópica”. Nesses casos, a retomada do tópico na linearidade do texto e o estabelecimento da coerência através da organização tópica hierárquica é também desencadeada pela retomada anafórica do objeto de discurso tratado como tópico.

Um exemplo disso pode ser visto no trecho de uma conversação espontânea, transcrito em (02)⁸. O trecho se inicia no segmento 21, que recobre o tópico “Festas de fim de ano na igreja”, desenvolvido pela informante 1. Trata-se na verdade de um subtópico, coconstituente do supertópico “Religião”. No segmento 22, ocorre uma mudança de

⁷ Inserções parentéticas, conforme Jubran (2006b).

⁸ Conversação Espontânea D2-39, corpus PORCUFORT (Português Oral culto de Fortaleza).

centração. A informante 2 passa a falar dos hábitos do seu pai e desenvolve o tópico “Hábito do pai”, subtópico de outro supertópico desenvolvido na conversação – “Família”. No segmento 23, novamente se instaura uma nova mudança de centração. A locutora passa a desenvolver o tópico “Visita da irmã”. Ocorrem, assim, no interior do tópico “Festas de fim de ano na igreja”, duas inserções tópicas⁹. No segmento 24, novamente ocorre uma mudança de centração, só que o conjunto referencial, indiciado cotextualmente pela expressão referencial “igreja”, não configura um novo tópico, mas estabelece a retomada e a continuidade de um tópico já introduzido e abandonado no texto, o tópico “Festas de fim de ano na igreja”, iniciado no segmento 21. O objeto de discurso (igreja), no caso, concorre para o estabelecimento das relações de interdependência entre os tópicos no plano hierárquico.

(02)

Inf. 1 - [21 pois é D. eu /tava... eh engraçado... Esse fim de mê/... esse fim de Ano... as festas /tão se assim atropelando... aqui na iGREja no Bom Pastor nós temos no dia sete pela maNHÃ... a festa da:: do:: das BOdas de:: PRAta do padre... capelão aí... depois... ANtes... no dia quatro... tem a nossa investidura né? os {ministros da eucaristia

Inf. 2 - uhn... ((ruído))... às dez horas né?

Inf. 1 - ... é ás dez hora{s... na igreja do:: São Benedito

Inf. 2 - lá na::... igreja do São Benedito... {ah

Inf. 1 - eh... então nós vamos eh a investidura vai ser] [22 eu acredito que o papai não

POssa {ir porQUE...

Inf. 2 - não vai não

Inf. 1 - é MUIto demorado

Inf. 2 - depois tem que subir aquela escada ali na frente da igreja e ele num consegue

mais

Inf. 1 - por isto não porQUE:: LÁ

⁹ Jubran (2006b) postula um conceito de inserção, tomando como critério a natureza tópica ou não do segmento encaixado. Seguindo esse critério, a autora identifica duas modalidades de inserção: uma em que o elemento inserido não se configura como tópico, e outra em que o elemento constitui um tópico, por apresentar a propriedade de centração. As inserções sem estatuto tópico são as que a autora caracteriza como parentéticas, cujo critério primeiro de identificação é o desvio tópico.

Inf. 2 - uhn

Inf. 1 - pela rua do Imperador você poderia... fazer... estacionar seu carro lá e ele e

entraria diretamente na igreja... ali na Impe{rador... aí você:: ali num tem:: num tem

Inf. 2 - eu sei eu sei... num sei eu vou perguntar se ele quer ir mas eu acho difícil ele

querer ir...

Inf. 1 - agora:: o que eu { VEjo... é o... é o padre A.

Inf. 2 - quem que vai fazer a a?... padre A.

Inf. 1 - é... ele tem muita ad {miração:: pelo padre A. Né?

Inf. 2 - uhn uhn... é... quem sabe né?...

Inf. 1 - mas é muito demora:::do vai {ser demorado demais

Inf. 2 - é né?

Inf. 1 - são cento e tantos ministros... cada um::: tem que... aquela história VAI:: em procissão:: bem devagar e dePOIS:: passa no pa::dre o padre... num SEI:: como é dá uma benção e tal isso é:: uma coisa dimiNUta realmente mas são cento e tantos né?...

Inf. 2 - é... não assim também não talvez ele num queira ir {não::

Inf. 1 - eh:: além do mais tem os cânticos tem a fa::la tem essa... tem leiTU:::ras... e:: eu acho que vai ser uma:::... uma solenidade MUIto lon{ga... pra ele...

Inf. 2 - demorada...

Inf. 1 - ele já num agüenta {tanto tempo ficar sentado assim...

Inf. 2 - ((pigarrou))

Inf. 1 - e vai ser difícil... mas:::... {eu FALEI

Inf. 2 - ()]

[23 Inf. 1 - ... sim fala

Inf. 2 - a R. de C. vem...

Inf. 1 - eh?...

Inf. 2 - vem {ela disse que vem chegando quinta-feira pela maNHÃ

Inf. 1 - que dia?... a {gora? quinta-feira primeiro?

Inf. 2 - né?... não:: no dia do aniversário dele... no {dia OItó né?... ela vem pra chegar aqui no dia Oito

Inf. 1 - ah:::... ah cer{to

Inf.2 - né?... aí ela fica sexta sábado... e viaja domingo só...

Inf. 1 - eh?

Inf. 2 - é...

Inf. 1 - ótimo... é bom]

Inf. 2 - passar uns diazinhos aqui {agora

[24 Inf. 1 - pois é já:: **na igreja** nós temos eh:: a/ assim festividades da igreja é...

TANta... confraternização é do grupo de oraÇÃO... eh::... do grupo do::... do Cristo é

vida com outro grupo que tem aqui na paróquia... eh::... eh a::... festa da ordenação do

nosso vigário né? de quarenta e dois anos de sacer{ dócio... e... tudo isto e a gente chega fica

Inf. 2 - uhn

Inf. 1 - ... pensando eh:: o que o mês de dezembro devia ter uns sessenta dias... pelo

menos... porque::... /tá

6 CONCLUSÃO

Meu objetivo, neste trabalho, foi o de tentar mostrar, sem nenhuma pretensão de exaustividade, como ocorre e qual a natureza da relação reconhecidamente intrínseca entre objeto de discurso e tópico discursivo. Considerarei como ponto de partida para o estudo dessa relação o princípio de que um objeto de discurso é identificado, reconhecido e definido como tal pelos próprios participantes de uma interação verbal, e assim pode ser tratado como tópico, isto é, objeto considerado e manifestado como o assunto sobre o qual o texto/discurso se porta.

Através da análise de alguns exemplos de textos, pude observar o processo passo a passo através do qual os objetos de discurso se tornam tópico. Os diferentes processos referenciais anafóricos reúnem as expressões referenciais de um segmento do texto em um conjunto específico de objetos de discurso que instauram o tópico desse segmento em um dado ponto do texto. Os mesmos processos reúnem todos os conjuntos específicos de objeto de discurso em um único tópico central, que, por fim, garante o sentido global e a coerência macro do texto.

Além disso, constatei também que o movimento referencial dos objetos de discurso se associa à forma de distribuição dos tópicos na linearidade do texto, o que explica processos como sequenciação, expansão, mudança e retomada de tópico.

Naturalmente, reconheço o caráter pouco abrangente dessas conclusões, mas reconheço também que elas podem ser um passo importante para o enriquecimento da discussão de duas importantes temáticas nos estudos linguísticos sobre o texto.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, M. M.; PINHEIRO, C. L.; LINS, M. da P. P.; LIMA, G. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.) *Linguística de texto e Análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, p. 225-261, 2010.

CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

JUBRAN, C. C. A. S. *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*, vol. II. Campinas/SP: UNICAMP, São Paulo: FAPESP, p. 322-384, 1992.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português falado culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 89-132, 2006.

_____. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 48, n. 1, p. 33-41, 2006a.

_____. Parentização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). *Gramática do português falado culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 301-357, 2006b.

KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Como se constroem e reconstroem os objetos de discurso. *Investigações*, v. 21, n. 2, p. 99-114, 2008.

KOCH, I. G. V.; PENHA, M. A. de O. Construção de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 48, n. 1, p. 23-31, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 48, n. 1, p. 7-22, 2006.

MONDADA, L. Gestion du topic et organisation de la conversation. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 41, p. 07-35, 2001.

PINHEIRO, C. L. *Estratégias textuais interativas: a articulação tópica*. Maceió: EDUFAL, 2005.

_____. O tópico discursivo como categoria analítica textual-interativa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 48, n. 1, p. 43-51, 2006.

Recebido em: 30/07/12. Aprovado em: 28/10/12.

Title: Discourse objects and discursive topic: systematizing relations

Author: Clemliton Lopes Pinheiro

Abstract: The relation between referenciation processes and topical progression has been the subject of discussions in many works by Brazilian researchers from in the fields of text and discourse. This work is inserted in such a context and it intends to resume that issue. My aim to discuss the relation between discourse object and discursive topic, within the wider context of the relation between referenciation processes and topical progression, which has only been suggested in previous works, and from that point on to propose some systematization. Initially, I retake and contextualize both notions, then I discuss the attempt to explain the relation between them in Brazilian studies and, finally, I introduce a systematization proposal.

Keywords: Discourse objects. Discursive topic. Referenciation.

Título: Objeto de discurso y tópico discursivo: sistematizando relaciones

Autor: Clemliton Lopes Pinheiro

Resumen: La relación entre procesos de referenciación y progresión tópica ha sido blanco de discusiones de muchos trabajos de investigadores brasileños del área de estudios del texto y del discurso. Este trabajo se insiere en ese contexto y pretende retomar la cuestión. Mi objetivo es discutir la relación entre objeto de discurso y tópico discursivo, dentro del contexto más amplio de la relación entre procesos de referenciación y progresión tópica, apenas tangenciada en trabajos anteriores, y, a partir de ahí proponer alguna sistematización. Inicialmente, retomo y contextualizo las dos nociones, después discuto los intentos de explicación de la relación entre ellas, en los estudios lingüísticos brasileños, y, finalmente, presento una propuesta de sistematización.

Palabras-clave: Objeto de discurso. Referenciación. Tópico discursivo.